

EXCLUSIVO
A HISTÓRIA
POR DETRÁS DA BÍBLIA

NATIONAL GEOGRAPHIC

O Evangelho de Judas

Um texto perdido durante 1,7 mil anos revela
se o próprio Cristo

O FENÔMENO INCRÍVEL DAS ALERGIAS
CHARLES: O PRÍNCIPE VIROU ECOLÓGICO
NO RIO SACRADO DO POVO BERBERCÊ





O Evangelho de Judas

Perdido durante quase 1.700 anos, um manuscrito em papiro já se desfazendo apresenta a história do homem mais odiado da história sob nova luz.

AUTOR: Andrew Cockburn

FOTÓGRAFO: Kenneth Garrett

Com um ligeiro tremor nas mãos, causado pela doença de Parkinson, o professor Rodolphe Kasser pegou o texto antigo e começou a ler com voz firme e clara: “Pe-di-ah-kawn-aus ente plah-nay”. Essas palavras estranhas eram em copta, a língua falada no Egito no alvorecer do cristianismo. Não eram ouvidas desde que a Igreja nascente declarara o documento proibido aos cristãos.

Esta cópia, não se sabe como, sobreviveu. Escondida por uma eternidade no deserto egípcio, finalmente foi descoberta no fim do século 20, para depois novamente desaparecer no submundo dos negociantes de antiguidades. Quando chegou às mãos de Kasser, o papiro – um tipo de papel feito de plantas aquáticas desidratadas – estava se desfazendo, com sua mensagem prestes a ser perdida para sempre.

O erudito professor de 78 anos, um dos maiores especialistas mundiais em copta, terminou de ler e cuidadosamente pôs a página de volta na mesa. “Bela língua, não? Egípcio escrito em caracteres gregos.” Sorriu. “Esta é uma passagem em que Jesus explica aos discípulos que eles estão no caminho errado.” Maravilhara-se com o texto, e não era para menos. Na primeira linha da página inicial está escrito: “O relato secreto da revelação feita por Jesus em conversa com Judas Iscariotes [...]”.

Após quase 2 mil anos, o homem mais odiado da história está de volta.

Todos se lembram do grande amigo de Jesus Cristo, um dos Doze Apóstolos, que o vendeu por 30 moedas de prata, identificando-o com um beijo. Depois,

enlouquecido de remorso, Judas se enforcou. Ainda hoje, ele é o símbolo supremo da traição. Nos abatedouros, o bode que conduz os outros animais ao abate é chamado de Judas. Na Alemanha, autoridades podem proibir os pais de dar o nome Judas a um recém-nascido. Na Igreja Suspensa, um templo cóptico na Cidade Velha do Cairo, os guias apontam uma coluna negra na colunata branca da igreja – Judas, é claro. O cristianismo não seria o mesmo sem o seu traidor.

Um contexto sinistro permeia as descrições tradicionais de Judas. À medida que o cristianismo desvinculou-se de suas origens como uma seita judaica, os pensadores cristãos foram julgando cada vez mais conveniente culpar os judeus, como povo, pela prisão e execução de Cristo, e assim pintar Judas como o judeu arquetípico. Os quatro evangelhos, por exemplo, tratam com brandura o governador romano Pôncio Pilatos, mas condenam Judas e os altos sacerdotes judeus.

O manuscrito secreto mostra-nos um Judas muito diferente. Ele é um herói. Ao contrário dos outros discípulos, realmente compreende a mensagem de Cristo. Quando entrega Jesus às autoridades, está fazendo o que seu mestre pediu, sabendo o destino que irá acarretar para si mesmo. Jesus o avisa: “Serás amaldiçoado”.

A mensagem é chocante o suficiente para despertar suspeitas de fraude, coisa comum em se tratando de artefatos que se dizem bíblicos. Foi o caso de uma caixa vazia de calcário que supostamente continha os ossos de Tiago, irmão de Jesus. Ela atraiu multidões quando foi exibida em 2002, mas logo se revelou uma engenhosa falsificação.

Um Evangelho de Judas é obviamente mais atraente do que uma caixa vazia, mas até o momento todos os testes confirmam sua antiguidade. A National Geographic Society, que está contribuindo para financiar a restauração e a tradução do manuscrito, encomendou a um renomado laboratório especializado da Universidade do Arizona a datação por carbono do livro de papiro, ou códice, que contém o evangelho. Testes com cinco amostras separadas do papiro e da sua encadernação de couro datam o códice entre 220 e 340 d.C. A tinta parece ser uma mistura feita com noz-de-galha, vitríolo, goma e fuligem. Especialistas em copta afirmam que modos de expressão reveladores encontrados no evangelho indicam que ele foi traduzido do grego, língua na qual a maioria dos textos cristãos foi escrita nos dois primeiros séculos desta era. “Nós todos nos sentimos à vontade situando a origem desse texto no século 4”, declarou um especialista.

Uma confirmação adicional vem do passado. Por volta de 180 d.C., Irineu, bispo de Lyon na Gália Romana, escreveu um volumoso tratado intitulado Contra as Heresias. O livro era uma censura feroz a todas as

concepções sobre Jesus que diferiam das apresentadas pela Igreja tradicional. Entre os que ele criticou estava um grupo que reverenciava Judas, “o traidor”, e que criara uma “história fictícia” à qual “chamam Evangelho de Judas”.

Pelo visto, décadas antes de o manuscrito hoje nas mãos de Rodolphe Kasser ser escrito, o irado bispo sabia sobre o texto original em grego.

Irineu estava às voltas com uma profusão de heresias. Nos primeiros séculos do cristianismo, o que chamamos de Igreja, operando por meio de uma hierarquia de padres e bispos, era apenas um de muitos grupos inspirados por Jesus. O estudioso da Bíblia Marvin Meyer, da Universidade Chapman, que ajudou na tradução do evangelho, resume a situação com uma frase: “O cristianismo em busca de seu estilo”.

Um grupo chamado ebionitas, por exemplo, pregava que os cristãos deviam obedecer a todas as leis religiosas judaicas, enquanto outro, os marcionitas, rejeitava qualquer relação entre o Deus do Novo Testamento e o Deus judaico. Alguns afirmavam que Jesus fora inteiramente divino, contradizendo outros, para quem ele fora completamente humano. Dizem que uma outra seita, os carpocracianos, praticava a troca de casais ritualizada. Muitos desses grupos eram gnósticos, seguidores da mesma linha do cristianismo nascente refletida no Evangelho de Judas.

“Gnose, em grego, significa conhecimento”, explica Meyer. “Os gnósticos acreditavam que existe uma fonte suprema de bondade, que chamavam de mente divina, fora do universo físico. Os humanos trazem uma centelha desse poder divino, mas não a podem acessar, impedidos pelo mundo material que os cerca.” Esse mundo imperfeito, na concepção dos gnósticos, era obra de um criador inferior e não do Deus supremo.

Enquanto cristãos como Irineu salientavam que apenas Jesus, o filho de Deus, era ao mesmo tempo humano e divino, os gnósticos afirmavam que pessoas comuns podiam ligar-se a Deus. A salvação requeria despertar aquela centelha divina no espírito humano e reconectá-la à mente divina. Para isso era preciso a orientação de um mestre, e esse, segundo os gnósticos, era o papel de Cristo. Os que compreendessem sua mensagem se tornariam tão divinos quanto Cristo.

Eis a razão da hostilidade de Irineu. “Aqueles homens eram místicos”, diz Meyer. “E os místicos despertam a ira da religião institucionalizada. Ouvem a voz de Deus dentro de si e não precisam de um sacerdote para interceder por eles.”

Irineu começou seu livro após voltar de uma viagem e

encontrar seu rebanho em Lyon sendo subvertido por um pregador gnóstico chamado Marcus, que estava incentivando seus iniciados a demonstrar o contato direto com o divino por meio de profecias. Quase tão escandaloso era o visível sucesso de Marcus entre as mulheres do rebanho. A “iludida vítima” do pregador, escreveu Irineu, irritado, “impudentemente profere algumas bobagens” e “então se considera profeta!”

Décadas atrás, as doutrinas desse tipo eram vislumbradas sobretudo por meio de críticas feitas por antagonistas como Irineu, mas em 1945 camponeses egípcios encontraram um conjunto de textos gnósticos, perdidos havia muito tempo, enterrados em um jarro de cerâmica próximo à cidade de Nag Hammadi. Entre eles havia mais de uma dúzia de versões totalmente novas de ensinamentos de Cristo, incluindo os evangelhos de Tomé e Felipe e um Evangelho da Verdade. Agora temos o Evangelho de Judas.

No passado distante, algumas dessas versões alternativas podem ter sido mais divulgadas do que os evangelhos conhecidos, Marcos, Mateus, Lucas e João. Mas, hoje, a idéia de textos que contradizem os quatro evangelhos canônicos do Novo Testamento é profundamente perturbadora para algumas pessoas, como fui lembrado quando almoçava com Marvin Meyer em um restaurante em Washington, D.C. Transbordante de entusiasmo, o eufórico acadêmico limpou um prato de salada de frango enquanto discorria sem parar sobre as crenças contidas no Evangelho de Judas. “É sensacional”, exclamou. “Explica por que Judas é apontado por Jesus como o melhor entre os discípulos. Os outros não entenderam.”

A multidão da hora do almoço se fora e estávamos sós no restaurante quando o maître, hesitante, veio entregar um bilhete a Meyer. Dizia simplesmente: “Deus ditou um livro”. A mensagem enigmática fora passada por telefone, com instruções para que fosse entregue ao cliente que pedira salada de frango. Alguém que se sentara perto de nós pensou que Meyer estava lançando dúvida acerca da Bíblia como a palavra de Deus.

Na verdade, não se sabe se os autores de quaisquer dos evangelhos de fato testemunharam os acontecimentos que descreveram. O estudioso evangélico da Bíblia Craig Evans diz que os evangelhos canônicos acabaram eclipsando os demais porque sua versão dos ensinamentos e da Paixão de Cristo era a mais verossímil. “Os primeiros grupos cristãos em geral eram pobres; não tinham recursos para mandar copiar mais do que alguns livros; por isso, seus membros diziam: ‘Quero o evangelho do apóstolo João, ou do apóstolo tal’”, supõe Evans. “Ou seja, os evangelhos canônicos são os que eles próprios consideraram os mais autênticos.”

O Evangelho de Judas reflete com clareza a luta travada muito tempo atrás pelos gnósticos e pela Igreja hierárquica. Na primeira cena, Jesus ri dos discípulos por orarem para “seu deus”, referindo-se ao desastroso deus que criou o mundo. Compara os discípulos a um sacerdote em um templo (uma referência à Igreja preponderante), a quem chama de “ministro do erro”, plantando “árvores sem frutos, em meu nome, vergonhosamente”. Desafia os discípulos a olhar para ele e compreender o que ele de

fato é, mas eles não o olham.

A passagem mais importante é aquela em que Jesus diz a Judas: “Sacrificarás o homem que me veste”. Em outras palavras, Judas matará Jesus – e com isso lhe fará um favor. “Enfim ele se livrará de seu invólucro material, a carne de seu corpo, e libertará o verdadeiro Cristo, o ser divino que ela contém”, diz Meyer.

O fato de essa tarefa ter sido confiada a Judas é um indicador de sua posição especial. “Levanta os olhos, vê a nuvem e a luz dentro dela e as estrelas ao redor”, Jesus lhe diz para encorajá-lo. “A estrela que mostra o caminho é a tua estrela.” Finalmente, Judas tem uma revelação, na qual ele entra em uma “nuvem luminosa”. As pessoas abaixo ouvem uma voz saída da nuvem, embora o que ela diz possa não vir jamais a ser conhecido, pois nesse trecho há um rasgo no papiro. O evangelho termina abruptamente com um comentário afirmando que Judas “recebeu dinheiro” e entregou Jesus aos que o vinham prender.

Para Craig Evans, esse relato é uma ficção, escrita em apoio a um sistema de crença que não vingou. “Não há nada no Evangelho de Judas que nos diga alguma coisa que possamos considerar historicamente confiável”, ele declara. Outros estudiosos, contudo, acham que o documento é uma nova e importante janela para a mente dos primeiros cristãos. “Ele muda a história dos primórdios do cristianismo”, diz Elaine Pagels, professora de religião na Universidade Princeton. “Não procuramos dados históricos nos evangelhos, e sim os fundamentos da fé cristã.” Bart Ehrman, da Universidade da Carolina do Norte, completa: “Isso vai incomodar muita gente”.

Opadre Ruwais Antony é um deles. Há 27 anos esse venerável monge de barbas brancas vive no Mosteiro de Santo Antônio, um posto avançado no deserto oriental egípcio. Em visita ao local, perguntei o que ele achava da idéia de que Judas estava apenas agindo a pedido de Jesus quando o entregou e que, portanto, era um homem bom. Ruwais ficou tão chocado que cambaleou e trombou com a porta que estava fechando. Depois, repugnado, murmurou: “Não recomendado”.

Sua indignação está em sintonia com a cólera do bispo Irineu – um lembrete de que nesse lugar, à sombra das inóspitas montanhas do Mar Vermelho, o mundo cristão dos primeiros tempos é algo palpável. Um pouco antes, o padre Ruwais me recebera no interior da Igreja dos Apóstolos. Sob nossos pés, recém-escavadas, estavam as celas, a cozinha e a padaria construídas por Santo Antônio em pessoa no século 4, quando fundou sua comunidade.

Na época desse acontecimento, célebre na história da Igreja como o início do monasticismo no deserto, um

escriba anônimo pegara uma pena de junco e uma folha de papiro e começara a copiar o “Relato secreto...” Não deve ter feito isso muito longe dali; a área onde se afirma ter sido encontrado o códice fica 65 quilômetros a oeste do mosteiro. O escriba pode ter sido um monge, como aqueles que reverenciavam os textos gnósticos e os mantinham em suas bibliotecas.

No fim do século 4, porém, possuir livros desse tipo era uma imprudência. Em 313, o imperador romano Constantino legalizara o cristianismo. Mas sua tolerância abrangia apenas a Igreja organizada, a quem ele prodigalizava riquezas e privilégios, sem falar das isenções de impostos. Os hereges, cristãos que discordavam das doutrinas oficiais, não tiveram apoio, foram punidos e por fim proibidos de reunir-se.

Irineu indicara os quatro evangelhos canônicos como os únicos que os cristãos deveriam ler. Sua lista, por fim, tornou-se a política da Igreja. Em 367, Atanásio, o poderoso bispo de Alexandria e admirador de Irineu, emitiu uma ordem a todos os cristãos do Egito com uma lista de 27 textos, entre eles os evangelhos atuais, que deveriam ser considerados os únicos livros sagrados do Novo Testamento. Essa lista perdura até hoje.

Não há como saber quantos livros foram perdidos à medida que a Bíblia tomou forma, mas sabemos com certeza que alguns foram escondidos. O achado de Nag Hammadi fora enterrado em um jarro de cerâmica de gargalo alongado, talvez por monges dos mosteiros de São Pacômio, nas proximidades. Um homem apenas teria bastado para esconder o Evangelho de Judas, que estava encadernado junto com três outros textos gnósticos.

Os documentos sobreviveram intactos por séculos. Ninguém os leu até o começo de maio de 1983, quando Stephen Emmel, estudante de pós-graduação em Roma, recebeu um telefonema de um colega acadêmico pedindo-lhe que fosse à Suíça examinar alguns documentos coptas. Em Genebra, Emmel e dois colegas foram encaminhados a um quarto de hotel onde se encontraram com dois homens: um egípcio que não falava inglês e um grego que traduzia.

“Tivemos cerca de meia hora para examinar três caixas de sapato. Dentro havia papiro embrulhado em jornal”, conta Emmel. “Não nos foi permitido tirar fotos nem fazer anotações.” O papiro já começava a esfarelar-se, por isso Emmel não ousou tocá-lo com as mãos. Ajoelhou-se ao lado da cama, ergueu algumas das folhas com uma pinça e vislumbrou o nome de Judas. Equivocadamente, supôs tratar-se de Judas Tomé, outro discípulo, mas acertou ao compreender que aquela era uma obra de enorme importância.

Um dos colegas de Emmel enfiou-se no banheiro para

negociar. Emmel estava autorizado a oferecer no máximo 50 mil dólares; os vendedores pediam 3 milhões, nem um centavo a menos. “Ninguém pagaria tudo aquilo”, diz Emmel, hoje professor na Universidade de Münster, Alemanha, que recorda, com tristeza, que o papiro estava “bonito” e lamenta sua deterioração desde esse encontro. Enquanto os dois lados almoçavam, ele saiu de mansinho e anotou tudo o que conseguiu lembrar. Foi a última vez que um especialista viu esses documentos nos 17 anos seguintes.

O egípcio naquele quarto de hotel em Genebra era um negociante de antiguidades do Cairo chamado Hanna. Ele comprara o manuscrito de um negociante de aldeia que ganhava a vida procurando material desse tipo. Não se sabe exatamente onde ou como a coleção foi parar nas mãos desse negociante. Ele está morto agora, e seus parentes, no distrito de Maghagha, 150 quilômetros ao sul do Cairo, mostram-se reticentes quando são instados a revelar o local da descoberta.

Logo depois de Hanna adquirir o manuscrito, todo o seu estoque desapareceu em um roubo. Ele afirma que os produtos roubados foram contrabandeados para fora do país e acabaram nas mãos de outro negociante. Tempos depois, contudo, Hanna conseguiu recuperar parte de suas mercadorias, inclusive o evangelho.

Houve um tempo em que pouca gente indagaria como é que uma antiguidade de valor inestimável saiu do país que a abrigava. Qualquer visitante podia coletar artefatos e mandá-los para o exterior. Foi assim que grandes museus, como o Louvre e o Museu Britânico, adquiriram muitos de seus tesouros. Hoje, países ricos em relíquias históricas tendem a ter uma atitude de dono, proibindo a propriedade privada e controlando as exportações do patrimônio que herdaram. Os compradores respeitáveis, como os museus, tentam assegurar-se da legitimidade da procedência dos artefatos, ou origem, verificando se eles não foram roubados ou exportados ilegalmente.

No início da década de 1980, quando ocorreu o roubo, o Egito já proibira a posse de antiguidades não registradas e sua exportação sem licença. Não está claro como essa lei se aplica ao códice. Mas, devido às questões sobre sua procedência, sua situação vem sendo nebulosa desde então.

Hanna, porém, estava decidido a ganhar o máximo de dinheiro possível com ele. Como os acadêmicos de Genebra, com sua animação, confirmaram que o documento era valioso, Hanna partiu para Nova York à procura de um comprador com dinheiro de verdade. A incursão foi infrutífera, e Hanna, desanimado, regressou ao Cairo. Em 1984, antes de partir de Nova York, alugou um cofre em uma agência do Citibank em Hicksville, Long Island, onde guardou o códice e outros papiros antigos. Ali eles permaneceram, mofando, enquanto Hanna fazia tentativas intermitentes de despertar o interesse de compradores. Seu preço, se diz, foi sempre alto demais.

Finalmente, em abril de 2000 ele fez a venda. A compradora foi Frieda Nussberger-Tchacos, grega natural do Egito que ascendera ao topo do implacável ramo de antiguidades depois de estudar egiptologia em Paris. Ela não quer divulgar quanto pagou – apenas admite que a quantia estimada nos boatos, 300 mil dólares, está “errada, mas próxima”. Ocorreu-lhe que talvez a Beinecke Rare Books and Manuscript Library, um centro de textos raros na Universidade de Yale, poderia querer o texto, e assim ela confiou sua mercadoria a um dos especialistas em manuscritos da biblioteca, o professor Robert Babcock.

Dias depois, quando ela ia pegar um avião de volta a Zurique, o professor telefonou. A notícia que ele lhe deu era explosiva, mas é da empolgação do homem, audível até em um celular no trânsito de Manhattan na hora do rush, que Frieda mais se lembra. “Ele dizia: ‘Isto é inacreditável! Acho que é o Evangelho de Judas Iscariotes’. Mas eu, na verdade, só registrei a emoção que vibrava em sua voz.” Só mais tarde, sobrevoando o Atlântico, Frieda começou a se dar conta de que era a

do lendário Evangelho de Judas.

Os gregos falam em moira – destino –, e nos meses seguintes Frieda começou a sentir que sua moira enredara-se terrivelmente com a de Judas, “como uma maldição”. A biblioteca Beinecke ficou com o documento por cinco meses, mas no fim se recusou a comprá-lo – apesar da empolgação de Babcock –, em parte devido às dúvidas sobre sua procedência. Assim, Frieda desistiu dos círculos acadêmicos de elite e foi procurar Bruce Ferrini, cantor de ópera que virara negociante de manuscritos antigos em Akron, Ohio.

A rejeição de Yale fora desalentadora, e a viagem a Akron, um pesadelo. “Meu vôo do aeroporto Kennedy foi cancelado, e precisei decolar de La Guardia em um avião pequeno. Eu estava levando o material acondicionado em caixas pretas, mas não me deixaram entrar com elas na cabine.” Judas voou para Ohio no compartimento de bagagem. Em troca de Judas e outros manuscritos, Ferrini deu a Frieda um contrato de venda com uma empresa chamada Nemo e dois cheques pré-datados de 1,25 milhão de dólares cada um.

Ferrini não deu retorno a numerosos telefonemas nos quais foi pedida a sua versão da história. Mas pessoas que viram o manuscrito sobre Judas nessa época afirmam que ele embaralhou as páginas. “Queria fazê-lo parecer mais completo”, supõe o especialista em copta Gregor Wurst, que está ajudando a restaurar o documento. Mais fragmentos estavam se desprendendo. Frieda começou a preocupar-se com a transação dias depois de voltar para casa. Suas dúvidas aumentaram quando um amigo, Mario Roberty, comentou que nemo, em latim, significa “ninguém”.

Roberty, um advogado suíço muito perspicaz e simpático, conhece o mundo desses negociantes e dirige uma fundação dedicada à arte antiga. Ficou “fascinado” com a história de Frieda, declarou, e se prontificou a ajudá-la a reaver Judas. Os vultosos cheques de Ferrini estavam datados para o início de 2001. Para ajudar a fazer pressão sobre o negociante de Akron, Roberty recrutou a arma de destruição em massa do ramo das antiguidades: o ex-negociante Michel van Rijn. Em Londres, Van Rijn gerencia um site no qual flagela sem piedade seus inimigos no meio.

Informado por Roberty, Van Rijn divulgou a notícia do evangelho, acrescentando que o manuscrito estava “nas garras de um ‘multitalentoso’ negociante, Bruce P. Ferrini”, que se encontrava “em tremendos apuros financeiros”. E, em letras garrafais, alertou potenciais compradores: “Você compra? Você põe a mão? Será processado!”

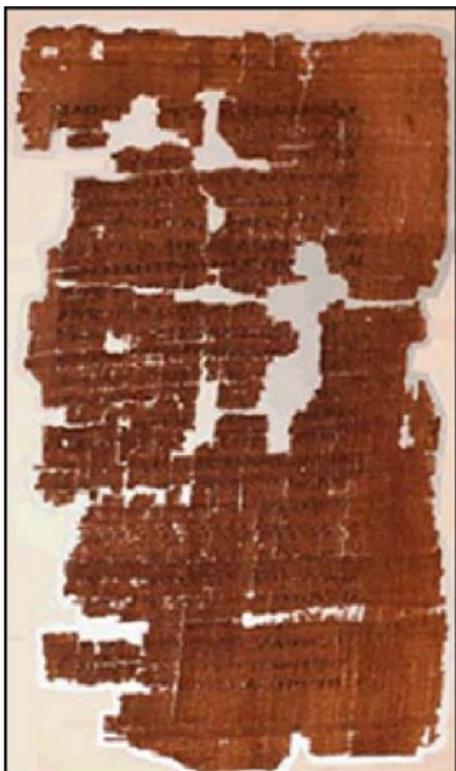
Como Roberty relembra alegremente, mobilizar Van Rijn “funcionou, foi decisivo”. Mas, tempos depois, Van Rijn

deu uma guinada e começou a fazer críticas ferozes a Roberty e Frieda em seu site. “Acho que acabou a munção dele”, explica Roberty. Em fevereiro de 2001, Frieda recuperou o código de Judas e o levou para a Suíça, onde, cinco meses depois, encontrou Kasser.

Naquele momento, ela conta, Judas transformou-se de maldição em bênção. Enquanto Kasser ia capturando o significado do código nos fragmentos, Roberty atinou com uma solução criativa para o problema da procedência: vender os direitos de tradução e de divulgação pela mídia, prometendo, ao mesmo tempo, devolver o material original ao Egito. A fundação de Roberty, que hoje está em posse do manuscrito, assinou um acordo com a National Geographic Society.

Livre agora das preocupações comerciais, a própria Frieda começa a parecer um tanto mística. “Tudo é predestinado”, murmura. “Eu mesma fui predestinada por Judas para reabilitá-lo.”

Às margens do lago Genebra, no andar de cima de um prédio anônimo, um especialista manipula um pedaço de papiro, coloca-o em seu lugar, e parte de uma sentença antiga é restaurada. Judas, renascido, está prestes a nos encarar.



Códice página 33:

“O relato secreto...”

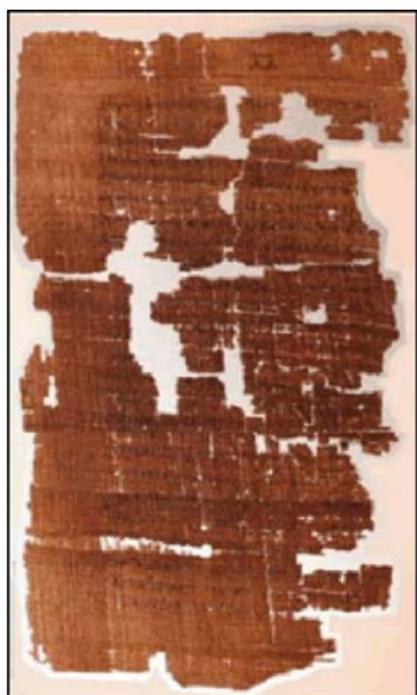
“O relato secreto da revelação que Jesus fez em conversa com Judas Iscariotes...”

Lendo da esquerda para a direita, esta passagem encontra-se entre as primeiras linhas. “Judas” é a última palavra no final da segunda linha, basta seguir o pequeno rasgo vertical que começa na parte superior direita da página. Na maior parte de texto fragmentado que se segue, lê-se “Iscariotes”.

O Evangelho de Judas contém texto com perspectiva bem diferente da exposta nos escritos do cristianismo ortodoxo seguidos hoje. Essas idéias pouco convencionais, permeadas de mitologia dos judeus gnósticos, refletem-se nos ensinamentos que Jesus compartilhou com Judas nos dias anteriores ao pessach:

- No início, existiu uma deidade infinita tão elevada que nem a palavra “Deus” era capaz de fazer-lhe justiça.
- Por meio de uma seqüência complexa de eventos, os céus produziram luz divina, radiante.
- Nebro, deus criador mau, responsável pelos problemas do mundo, reina sobre o mundo inferior dos seres humanos.
- Alguns humanos carregam dentro de si o espírito do divino.

Dê uma olhada mais de perto nesta página do papiro e passagens específicas traduzidas que foram analisadas por uma equipe de especialistas. Para vê-las, use a ferramenta de navegação da versão americana.

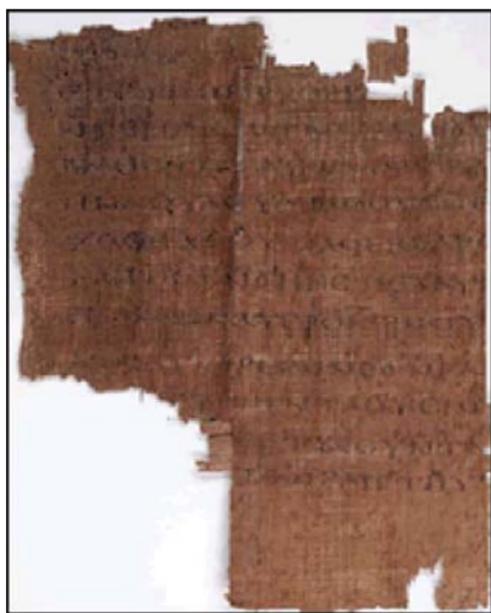


Códice página 34: “... [ele] riu.” *Estas palavras encontram-se logo abaixo da última palavra da primeira linha. Partes faltantes do papiro Forçaram os tradutores a inferir certas palavras como “ele”, com base em seus conhecimentos e a interpretação do restante do texto.*

Evangelhos do Novo Testamento retratam Jesus como um homem reservado, que raramente demonstrava bom humor. Mas, no Evangelho de Judas, Jesus ri bastante, especialmente frente aos absurdos que ditam as regras da vida humana. Mas ele também ri da maneira séria – e sem questionamento – de como os discípulos aceitam coisas como preces, oferecendo-a não apenas por terem vontade, mas por acreditar que seu Deus realmente quer ser louvado desta maneira. É como se Jesus observasse de longe, sacudisse a cabeça e pensasse: “O que posso dizer?”.

Por que o filho de Deus riria de algo assim? O Evangelho de Judas é considerado um evangelho gnóstico, uma forma primitiva de espiritualidade que se foca na gnose, palavra grega que significa “sabedoria”. Os gnósticos acreditam em um conhecimento místico, um conhecimento de Deus que os permite comungar com ele e comunicar-se com ele sem intermediários. Tais crenças entravam em conflito direto com integrantes da Igreja Ortodoxa, que estava surgindo. “No Evangelho de Judas”, diz Marvin Meyer, estudioso da Bíblia a Universidade Chapman da Califórnia (EUA), “esses outros cristãos atendem à vontade de um deus criador que controla o mundo com severidade. Este deus é o oposto radical da deidade transcendente proclamada no Evangelho de Judas.”

Dê uma olhada mais de perto nesta página do papiro e passagens específicas traduzidas que foram analisadas por uma equipe de especialistas. Para vê-las, use a ferramenta de navegação da versão americana. [Clique aqui.](#)



Códice página 37:
Fragmento de Nova York “... outras forças (...) por [meio das quais] você governa. Quando os discípulos [dele] ouviram isto, cada um ficou com o espírito inquieto. Não podiam dizer palavra. Outro dia, Jesus veio a

[eles]. Disseram a [ele]: ‘Mestre, vimos o senhor em uma [visão], porque tivemos [sonhos] notáveis [à] noite (...)’. [Ele disse:] ‘Por que foram se esconder?’”

Esta passagem ocupa todo este fragmento, uma porção da página 37 encontrada em Nova York depois de a descoberta ter sido noticiada pela imprensa. Os pesquisadores, que esperam encontrar outros fragmentos, foram capazes de traduzi-lo e incorporá-lo à tradução do texto maior.

Com base na especulação a respeito do significado possível deste texto fragmentário, pesquisadores acreditam que a passagem possa descrever os discípulos relatando sua premonição a respeito da prisão de Jesus no jardim do Getsêmani. Por sua vez, ficam atordoados e em silêncio quando Jesus prevê ainda que vão fugir aterrorizados quando ele for preso, cena descrita nos evangelhos de São Mateus e São Marcos no Novo Testamento.

Dê uma olhada mais de perto nesta página do papiro e passagens específicas traduzidas que foram analisadas por uma equipe de especialistas. Para vê-las, use a ferramenta de navegação da versão americana. [Clique aqui.](#)



Códice página 39:
“... árvores sem
frutos...”

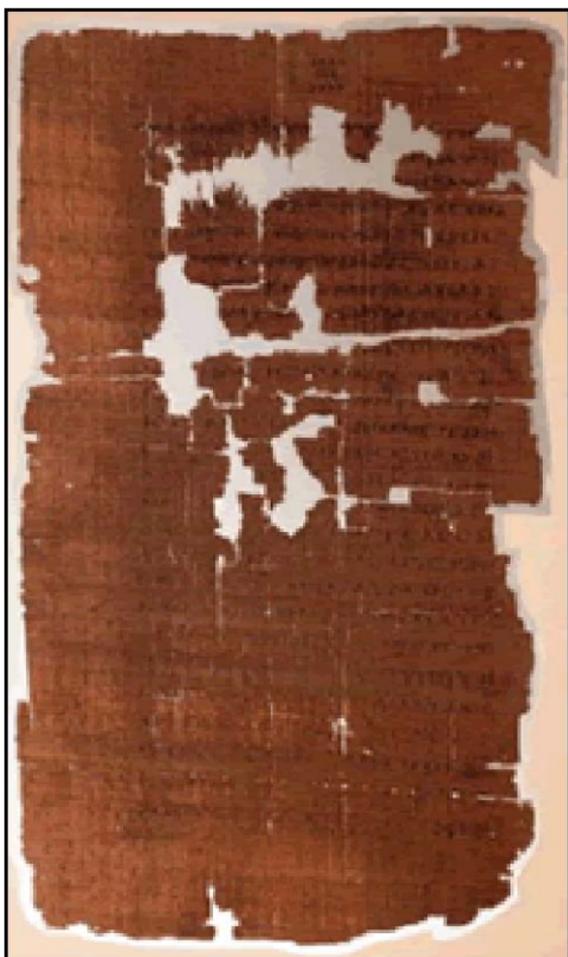
*“E plantaram
árvores sem frutos,
em meu nome, de
maneira
vergonhosa.”*

Conte 14 linhas
para cima a partir
da parte de baixo
da página. Esta
passagem
começa logo
antes da grande
interrupção em
forma de curva
no centro, à

direita, e continua por mais duas linhas até um
sinal de pontuação grego que se parece com dois
pontos.

Jesus parece estar criticando aqueles que pregam
em seu nome, mas com proclamações sem
substância ou conteúdo frutífero. Isto fazia parte da
polêmica da época entre os gnósticos e a nova
Igreja Ortodoxa, com um grupo questionando
abertamente as opiniões do outro.

Dê uma olhada mais de perto nesta página do
papiro e passagens específicas traduzidas que
foram analisadas por uma equipe de
especialistas. Para vê-las, use a ferramenta de
navegação da versão americana. [Clique aqui.](#)



**Códice página
40:
“... ministro de
erros.”**

A cinco linhas inteiras a partir da parte de baixo da página, esta passagem começa logo à direita da interrupção vertical e continua na linha seguinte no símbolo que parece dois pontos, à esquerda do rasgo.

O conflito entre os gnósticos e a Igreja Ortodoxa se reflete na maneira como Jesus enxerga a igreja e sua doutrina questionável. Os discípulos têm uma visão do templo, que Jesus explica em termos alegóricos. Ele compara o que eles vêem no templo com a mensagem errônea que vem da Igreja dominante em surgimento. Os discípulos, ele explica são assemelhados a um sacerdote de templo, ou um “ministro de erros”: aquele que expõe ensinamentos imprecisos.

Dê uma olhada mais de perto nesta página do papiro e passagens específicas traduzidas que foram analisadas por uma equipe de especialistas. Para vê-las, use a ferramenta de navegação da versão americana. [Clique aqui.](#)



Códice página 56:

“... você vai se destacar sobre todos eles...”

“... você vai se destacar sobre todos eles.

Porque vai sacrificar o homem que me veste.”

Olhe para o segmento mais extenso de texto na parte de baixo desta página altamente fragmentada.

À direita do pedaço de papiro no topo e de um caractere grego que parece um “Y”, está a palavra “você”. A linha seguinte diz: “... vai se dêstacar sobre todos eles”. O restante desta passagem continua nas duas linhas seguintes e no início da terceira, logo depois do primeiro rasgo em ângulo reto. As palavras de Jesus a Judas descrevem como ele vai se destacar entre os outros discípulos depois de sua morte. De acordo com o Evangelho de Judas, o Salvador é o ser espiritual dentro de Jesus, que vive na dimensão espiritual. O ser físico de Jesus não passa de uma cobertura, assemelhada a uma roupa, que o Salvador espiritual usa neste mundo. Jesus, em essência, diz a Judas que, ao traí-lo – conscientemente e a seu pedido –, está demonstrando verdadeira amizade e permitindo ao homem Jesus morrer para que o Salvador possa se libertar para retornar a sua morada no céu. Segundo a tradição gnóstica, Jesus não enxerga sua morte como tragédia nem como ato necessário para salvar o mundo do pecado.

Dê uma olhada mais de perto nesta página do papiro e passagens específicas traduzidas que foram analisadas por uma equipe de especialistas. Para vê-las, use a ferramenta de navegação da versão americana. [Clique aqui.](#)



Códice página 57: “Erga seus olhos...”

“Erga seus olhos e olhe para a nuvem e a luz dentro dela e as estrelas que a rodeiam. A estrela que indica o caminho é a nossa estrela. Judas ergue os olhos e viu a nuvem

luminosa, e entrou nela.”

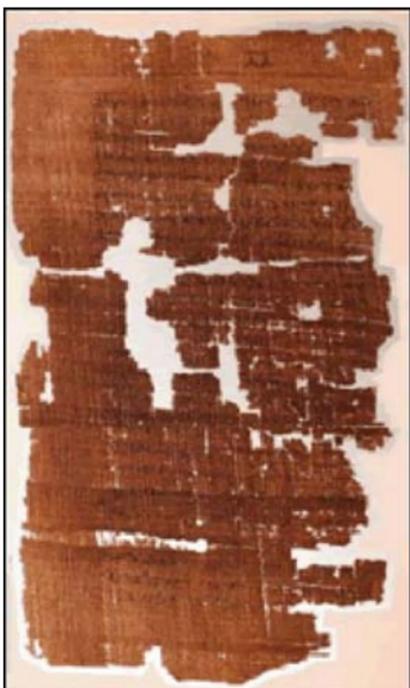
Esta passagem começa oito linhas abaixo do fragmento maior e continua mais sete linhas até o fim dos dois caracteres gregos que parecem “OC” à direita da página.

Ao confiar a Judas a difícil tarefa de cumprir a ordem e entregá-lo às autoridades, Jesus confirma a posição de destaque de Judas entre os discípulos.

Este exemplo de pensamento gnóstico tem a mesma base da premissa de Platão de que o criador da humanidade designou uma alma e uma estrela para cada pessoa, e que seguimos esta estrela como guia por toda a vida.

Judas é glorificado quando entra na “nuvem luminosa”, que se acredita ser uma manifestação de Deus semelhante à transfiguração de Jesus.

Dê uma olhada mais de perto nesta página do papiro e passagens específicas traduzidas que foram analisadas por uma equipe de especialistas. Para vê-las, use a ferramenta de navegação da versão americana. [Clique aqui.](#)



Códice página 34: “... [ele] riu.”

Estas palavras encontram-se logo abaixo da última palavra da primeira linha. Partes faltantes do papiro forçaram os tradutores a inferir certas palavras como “ele”, com base em seus conhecimentos e a interpretação do restante do texto.

Evangelhos do Novo

testamento retratam Jesus como um homem reservado, que raramente demonstrava bom humor. Mas, no Evangelho de Judas, Jesus ri bastante, especialmente frente aos absurdos que ditam as regras da vida humana. Mas ele também ri da maneira séria – e sem questionamento – de como os discípulos aceitam coisas como preces, oferecendo-a não apenas por terem vontade, mas por acreditar que seu Deus realmente quer ser louvado desta maneira. É como se Jesus observasse de longe, sacudisse a cabeça e pensasse: “O que posso dizer?”.

Por que o filho de Deus riria de algo assim? O Evangelho de Judas é considerado um evangelho gnóstico, uma forma primitiva de espiritualidade que se foca na gnose, palavra grega que significa “sabedoria”. Os gnósticos acreditam em um conhecimento místico, um conhecimento de Deus que os permite comungar com ele e comunicar-se com ele sem intermediários. Tais crenças entravam em conflito direto com integrantes da Igreja Ortodoxa, que estava surgindo. “No Evangelho de Judas”, diz Marvin Meyer, estudioso da Bíblia a Universidade Chapman da Califórnia (EUA), “esses outros cristãos atendem à vontade de um deus criador que controla o mundo com severidade. Este deus é o oposto radical da deidade transcendente proclamada no Evangelho de Judas.”

Dê uma olhada mais de perto nesta página do papiro e passagens específicas traduzidas que foram analisadas por uma equipe de especialistas. Para vê-las, use a ferramenta de navegação da versão americana. [Clique aqui](#).

Marvin Meyer - Tradução do depoimento

Segmento 1

Estou trabalhando no Evangelho de Judas e no restante do Códice de Tchacos desde mais ou menos agosto de 2005. E a maneira como eu me envolvi no projeto é um dos exemplos mais maravilhosos de coincidência feliz. Estava dando uma palestra a respeito de alguns papiros antigos, textos de Nag Hammadi, textos mágico etc. em um evento patrocinado pela embaixada egípcia. Era em Washington, no Kennedy Center, e havia algumas pessoas da National Geographic Society participando do evento. Depois da minha palestra, muita gente sentada na frente queria fazer perguntas sobre os textos gnósticos e os papiros mágicos etc. Algumas pessoas vieram até a frente e me entregaram cartões de visita da National Geographic e disseram: “Vamos procurar você”. Algumas semanas depois, ligaram e disseram: “Precisamos conversar com você sobre um assunto”. E eu disse: “Bom, qual é a idéia de vocês?” Então começamos a falar sobre isso e a entender os parâmetros da discussão etc. E, em setembro, pediram que eu fosse até a sede em Washington para dar uma olhada no texto, porque não estavam compreendendo o que acontecia no Evangelho de Judas. Tem título provocativo e deve ser muito emocionante, mas o que significa? Está fragmentado, e há algumas passagens difíceis e bastante obscuras etc. Então fiquei trancado em uma sala com o texto em cóptico por cerca de uma semana com meus dicionários e meus léxicos e minhas fontes cópticas que trouxe da Califórnia e, depois disso, saí da sala trancada, encontrei-me com as pessoas e disse: “O texto é sobre o seguinte: é um evangelho gnóstico brilhante que apresenta Jesus e apresenta a figura de Judas como o apóstolo mais perspicaz e mais leal de todos”.

[Continua >](#)

Segmento 2

Marvin Meyer - Tradução do depoimento

Segmento 2

O Códice de Tchacos na verdade inclui quatro textos diferentes. É um manuscrito cóptico, com linguagem cóptica escrita em páginas de papiro. Há quatro textos distintos que se encontram neste códice em particular. Um códice é um livro, chamado de códice porque esta é a palavra antiga em latim para livro, e não é um rolo, mas um livro encadernado. Os quatro textos encontrados neste códice são: a carta de Pedro a Felipe; um livro ou texto intitulado Jaime, que é uma versão de algo que já conhecíamos – o primeiro Apocalipse ou revelação de Jaime; tem, é claro, o Evangelho de Judas; e então tem um texto em fragmentos no fim que estamos chamando de Livro de Alughenes, ou o Livro do Estranho, que é um texto fascinante a respeito de Jesus e o desconhecido que aparece em forma humana e dá a revelação ao mundo.

Quando vi este texto pela primeira vez, pensei na hora que devia ser autêntico. Está escrito em cóptico, e o tipo de cóptico encontrado aqui está muito próximo do que se encontra na biblioteca de Nag Hammadi – eu conheço bem esse tipo de cóptico. Trata-se de um dialeto chamado Sehedic, mas tem certas características que são típicas do Egito Médio e que também adicionam autenticidade ao próprio cóptico. E, depois, esses textos são bem complicados, mas representam muito bem o ponto de vista gnóstico. E o Evangelho de Judas é um belo exemplo de texto gnóstico setiano. E a maneira como os caracteres se apresentam, com clareza e também de modo complicado. Representa completamente esse tipo de ponto de vista gnóstico setiano – é um exemplo brilhante disso. Agora, além disso, o que é muito interessante é o fato de texto do Evangelho de Judas parecer um texto setiano muito antigo. Então, temos uma idéia de onde esse texto veio, como ele é um texto que tem importância e delinea outros textos setianos posteriores, e como se encaixa muito bem em toda a tradição gnóstica setiana de pensamento.

[Continua >](#)

Segmento 3

Marvin Meyer - Tradução do depoimento

Segmento 3

Todos os quatro textos do códice de Tchacos e a maior parte dos documentos da biblioteca de Nag Hammadi podem ser descritos como gnósticos. Textos gnósticos são textos místicos, e isto quer dizer que eles têm a ver com o fato de que existe um pouco da luz divina, que existe a fagulha divina, dentro de toda pessoa que tenha conhecimento, e se esta pessoa for capaz de jogar fora toda a ignorância e chegar à essência de autoconhecimento que ele ou ela de fato é, então essa pessoa vai reconhecer que existe um pouco de Deus dentro da pessoa. Estes textos são a respeito disto. Este é o conhecimento – a “gnosis”, em grego – que os textos gnósticos buscam transmitir. Quem se autodenominava gnóstico e se considera como detentor de “gnosis”, ou conhecimento, tinha acesso direto a Deus. Não precisava passar por um sacerdote ou um bispo ou um rabino. Não precisava de um intermediário. Mas na Igreja Ortodoxa que surgia, havia sacerdotes e havia bispos que levavam sua autoridade muito a sério. E parte do conflito entre os gnósticos e as pessoas que faziam parte do início da ortodoxia era o fato de que os gnósticos dançavam ao ritmo de sua própria música. Eles não escutavam os sacerdotes, não escutavam os bispos, porque escutavam Deus e a voz d’Ele encontrava-se dentro de cada um.

[Continua >](#)

Segmento 4

Marvin Meyer - Tradução do depoimento

Segmento 4

No Evangelho de Judas, aquele discípulo que realmente compreende a essência de Jesus e que realmente é fiel e leal a Jesus é Judas Iscariotes. Os outros discípulos simplesmente não compreendem. Mas Judas sim. É ele quem escuta Jesus, ele aprende com Jesus, e faz tudo que Jesus quer, e no final do evangelho, quando Jesus diz “Judas: Você tem que me ajudar a libertar minha alma dos limites deste corpo por meio de uma traição”, Judas obedece. O que mais ele poderia fazer por seu amigo além de ajudá-lo a se libertar das amarras de seu corpo?

A idéia de que Judas de fato está ajudando Jesus, ao contrário de se voltar contra ele, é uma maneira muito diferente de encarar a traição de Jesus e a crucificação de Jesus e assim por diante. Aqui, a traição acaba sendo algo muito bom. É algo que Jesus queria e que Judas faz em obediência a Jesus, porque a morte não é uma coisa ruim para Jesus; para ele, é a libertação – a libertação da alma e do espírito de Jesus de seu corpo.

[Continua >](#)

Segmento 5

Marvin Meyer - Tradução do depoimento

Segmento 5

Acho que existem dois trechos que são especialmente significativos no Evangelho de Judas e são esses que vou comentar. Um ocorre bem cedo no evangelho, quando Jesus diz a todos os discípulos: “Ouçam, se foram capazes de fazê-lo, permitam que o ser humano que existe dentro de vocês, quer dizer, a verdadeira essência do que significa ser uma pessoa dentro de vocês, permitam que esta pessoa saia e se apresente perante mim”. E os outros discípulos tentaram, e não conseguiram. E Judas disse: “Eu farei isso”. Mas ele agiu com modéstia perante Jesus; Então ele se levantou perante Jesus mas virou os olhos para baixo. Então, disse: “Eu sei quem você é, Jesus, e de onde você veio. Você veio do reino imortal, o reino imortal de Barbelo. E a minha boca não é digna de descrever e dar nome àquele que o enviou”. E esta confissão, esta profissão de fé, sugere que Jesus veio do reino de Deus – que é o que o reino imortal eterno de Barbelo significa –, que Jesus na verdade não faz parte deste mundo, mas é um espírito ou uma entidade assemelhada a uma alma que veio a este mundo. Essa é a verdadeira origem de Jesus. E aquele que enviou Jesus é o Deus indescritível, impronunciável, absolutamente transcendente que está além de qualquer descrição e além de qualquer nome, e a boca de Judas não é capaz de pronunciar o nome e a essência daquele Deus maravilhoso.

A tradução cóptica que temos do Evangelho de Judas não é o original. Estamos convencidos de que este Evangelho na verdade foi composto em grego. Há tudo que é tipo de elemento para indicar isto: o tipo de cóptico que se apresenta é o cóptico de uma tradução, e a tradução de um original em grego. A razão por que temos apenas uma cópia em cóptico do texto é porque todas as cópias em grego foram destruídas. As areias secas do deserto preservaram este texto. A caverna seca, talvez, onde foi encontrado, conservou este texto. E as cópias gregas que estavam na Grécia ou na Turquia ou em algum lugar do Oriente Médio, onde chove, apodreceram, e estão todas perdidas. Mas estamos convencidos de que existiu uma cópia grega a certa altura, que era a versão original do Evangelho de Judas composto em grego.

[Continua >](#)

Segmento 6

Marvin Meyer - Tradução do depoimento

Segmento 6

O Evangelho de Judas é um evangelho que classificariamos não apenas como evangelho gnóstico, mas como representativo de um certo tipo de gnosticismo: podemos nos referir a ele como integrante de uma “escola” do gnosticismo que chamamos de gnosticismo setiano; E a razão por que recebe este nome é devido ao fato de que Set, filho de Adão e Eva, tem papel muito especial, de um tipo muito particular, neste Evangelho e nos textos parecidos com ele. Pensando bem sobre a história, o fato é que a família de Adão e Eva era disfuncional. Os dois primeiros filhos, Caim e Abel, meteram-se em confusão e Abel foi assassinado e Caim foi exilado e houve mais um filho que nasceu depois disso – Set. E com Set foi possível recomeçar, e Set era o bom garoto. E os gnósticos perceberam, isso e acharam que, de algum modo, eram aparentados a Set, que tinham vindo de Set, que os seres humanos que verdadeiramente tinham o conhecimento de Deus eram derivados de Set. E então eles se autodenominaram a geração ou a semente ou a família de Set. E Set era seu pai, seu pai espiritual. Nos textos gnósticos setianos, isso se torna particularmente interessante para os cristãos que compram esta maneira de olhar para o mundo e para eles mesmos; e o fato de enxergar essa fagulha do divino dentro de si é o que precisam para relacionar Jesus à figura de Set. E o pessoal cristão setiano acreditava que Jesus na verdade é a mesma coisa que Set, que o espírito e o poder de Set encarnam na figura de Jesus, de modo que, de certa maneira, Set renasce na figura de Jesus. E quando Jesus anuncia o caminho até Deus, na verdade está proferindo as palavras de Set e trazendo as boas notícias, o evangelho, de Set.

Craig Evans - Tradução do depoimento

Segmento 1

Acho que o elemento mais interessante do Evangelho de Judas é quando Jesus pede a Judas que o traia para completar sua missão. E acho isso interessante porque os próprios evangelhos canônicos – são Mateus, são Marcos, são Lucas e são João – não nos dizem por que Judas fez o que fez. Ele fez alguma coisa por trás dos panos, e nos evangelhos temos outros personagens que fazem coisas por trás dos panos. Como adquirir o animal em que Jesus montou para entrar na cidade, ou adquirir a sala onde Jesus e seus discípulos fizeram a última ceia junto. É possível que Judas também estivesse fazendo algo do tipo por trás dos panos, mas como a coisa acabou com a prisão e a morte de Jesus, então seu ato é lembrado como maldade? Considero esta questão muito interessante, e é algo que o Evangelho de Judas abriu para nós. Então, na minha opinião, esta é a coisa mais importante do documento recém-descoberto.

De acordo com o Evangelho de Judas, Jesus realmente pede a Judas que o traia para que Jesus complete seu ministério. Seu ministério está completo, agora ele precisa retornar ao céu. E, para tanto, precisa deixar seu corpo carnal, e assim poderá retornar ao céu e os discípulos poderão seguir em frente com sua própria missão. Judas é o único discípulo entre os doze que compreende isto e que tem a coragem de fazê-lo. E é por isso que Jesus pede a Judas que o traia.

[Continua >](#)

Segmento 2

Craig Evans - Tradução do depoimento

Segmento 2

Nos evangelhos do Novo Testamento, não fica claro por que Judas fez o que fez. Nenhuma explicação real é apresentada. Mas o Evangelho de Judas nos dá uma explicação: na verdade, está agindo de acordo com as instruções de Jesus. Perceba que vemos, em São Mateus, São Marcos e São Lucas, exemplos de pessoas que agem segundo as ordens de Jesus, mas não conhecemos os detalhes completos. Por exemplo quando Jesus pede a um discípulo para que arranje um animal para ele montar quando entrar em Jerusalém. Não conhecemos todos os detalhes. Quem era esse discípulo? Não conhecemos as combinações. Quando foram feitas? Esses detalhes foram excluídos dos evangelhos. Jesus também diz a seus discípulos que sigam uma pessoa que carrega um jarro e esta pessoa vai levá-los à sala do andar de cima onde ele e seus discípulos farão sua última ceia juntos. Os evangelhos não explicam como essas coisas foram combinadas. Então, preciso perguntar a mim mesmo: Será que Jesus tinha combinado alguma coisa com Judas sem os outros discípulos saberem e algo deu muito errado e, quando Jesus foi preso, os discípulos só puderam interpretar o fato como traição, mas na verdade nunca souberam por que Judas fez o que fez. No Evangelho de Judas, pode ser que haja esta explicação. E é isso que eu acho tão intrigante neste evangelho perdido recém-descoberto e recém-publicado. Será que ele finalmente vai poder explicar para nós por que Judas fez o que fez? Não foi um verdadeiro ato de traição, mas sim a tentativa de seguir as instruções de Jesus, sendo que hoje não conhecemos os detalhes? Seja qual fossem as instruções, resultaram com a prisão de Jesus. Acho que algo deu errado, e Judas levou a culpa, e por isso ficou para sempre lembrado como o traidor, mas a história pode ser um pouco mais complicada do que isso, e o Evangelho de Judas nos faz perceber que talvez exista outra explicação.

[Continua >](#)

Segmento 3

Craig Evans - Tradução do depoimento

Segmento 3

Os evangelhos do Novo Testamento foram recebidos pelos primeiros chefes da Igreja Católica e se transformaram em canônicos porque, neles, acredito, estão as primeiras palavras de Jesus, transmitidas da maneira mais fiel. Tradições encontradas em São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João remontam à época de vida de pessoas que ouviram Jesus falar. Isso significa que houve controles, que um corpo de tradição foi preservado no início da comunidade cristã – a primeira geração. São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João refletem este corpo inicial de tradição. Mas, na medida em que entramos no século 2, quando evangelhos como o de São Tomás e de São Pedro e de Judas e de Mary são escritos, chegamos em outra geração, há duas de distância, e algumas idéias estranhas aos primeiros ensinamentos cristãos começam a ser propagadas e colocadas na boca de Jesus e na boca dos discípulos; Essas tradições não refletem o primeiro século, mas o segundo. E é por isso que eu acho que sempre é necessário dar prioridade para os evangelhos do Novo Testamento se quisermos entender aquele que é conhecido como o verdadeiro e histórico Jesus de Nazaré.

[Continua >](#)

Segmento 4

Craig Evans - Tradução do depoimento

Segmento 4

Ireneus, pai da Igreja que surgiu no final do século 2, reconheceu o valor dos quatro evangelhos que se encontram no Novo Testamento. Ele sabia que eram antigos, e mais antigos do que outros evangelhos que começaram a surgir no século 2. Então ele argumentou que apenas esses quatro deviam ser considerados, e não quatro outros. Então, ele está invocando um argumento que a maior parte de nós consideraria bastante curioso, porque, na época do Antigo Testamento e do judaísmo e do início do cristianismo, existe uma coisa que podemos chamar de geografia teológica. Isto é muito estranho para nós, mas o mundo podia ser entendido como um afastamento de Jerusalém que era uma espécie de centro sagrado do mundo todo, e então de lá era possível ir para norte, sul, leste ou oeste. Até mesmo Jesus ressuscitado menciona isto quando diz a seus discípulos que devem pregar primeiro em Jerusalém e, depois disso, em círculos de expansão que se afastassem cada vez mais, até pregar o evangelho nos pontos mais afastados do mundo. Bom, acho que isso é que se refletia na afirmação de Ireneus quando ele diz: “Assim como existem quatro ventos ou quatro pontos em uma bússola, existem quatro evangelhos. Para ir de encontro, para combinar com leste, oeste, norte sul”. É por causa desta característica quádrupla dos evangelhos, das quatro testemunhas do evangelho, que ele faz esta argumentação. Se houvesse cinco evangelhos, suspeito que ele teria dito: “Assim como há cinco dedos na sua mão”, ou qualquer coisa do tipo. Então, não acho que os quatro pontos da bússola nos deram os quatro evangelhos; o argumento dos quatro pontos da bússola existe porque temos quatro evangelhos.

[Continua >](#)

Segmento 5

Craig Evans - Tradução do depoimento

Segmento 5

Bom, se tivesse sido Iraneus, e não outros cristãos anteriores... Porque Iraneus não estabeleceu isto por conta própria, foram os primeiros cristãos que o fizeram – os evangelhos que eles escolheram ler e que pagaram para ser copiados, esses eram os que eles valorizavam. E os evangelhos que valorizavam acima de todos eram os de são Mateus, são Marcos, são Lucas e são João. Mas havia alguns outros evangelhos que algumas das primeiras comunidades cristãs liam. O Evangelho de são Tomás seria um deles. O Evangelho de são Pedro – temos até um dos primeiros padres da Igreja que fala sobre ele e pede que as paróquias deixem de lê-lo. Mas havia também os evangelhos judeus, no cristianismo judeu, como o Evangelho dos Nazarenos, ou o Evangelho dos Ebionitas. E então poderia ter havido outros evangelhos incluídos no Novo Testamento, mas acho que os quatro que terminaram ali são os primeiros, e os mais consistentes com a memória dos primórdios da Igreja de sua mais antiga proclamação oficial do evangelho de são Pedro e de são Paulo e de outros discípulos e apóstolos.

[Continua >](#)

Segmento 6

Craig Evans - Tradução do depoimento

Segmento 6

Existe um método para datar documentos como esses da antiguidade, porque não temos os originais – não adianta fazer um teste com carbono 14 porque não temos o original. Então, ninguém pode de fato datar são Mateus em um ano específico ou são Marcos em um ano específico. Mas o que temos em são Mateus, são Marcos e são Lucas é um Jesus consistente com o judaísmo que sabíamos existir antes [do ano] 70. Jesus não aparece em são Mateus, são Marcos e são Lucas falando sobre “aeons” e sete camadas do céu e mistérios gnósticos especiais e assim por diante. Temos um Jesus consistente com todas as fontes que conhecemos, tais como Josephus ou os pergaminhos do mar morto e outros textos da sinagoga sobre como o judaísmo era compreendido antes do ano 70. Mas, quando consultamos evangelhos como o Evangelho de Judas ou o Evangelho de são Tomás ou o Evangelho de Maria, deparamos com idéias novas e bem posteriores. Elas não representam o of judaísmo pré-70 da maneira como o vemos em são Mateus, são Marcos e são Lucas. São diferentes, são estranhos, vieram de algum outro lugar. Vêm de um lugar posterior, e é isso que chamamos, que os padres da Igreja chamam de “gnosticismo”.

Barth Ehrman - Tradução do depoimento

Segmento 1

O Evangelho de Judas foi mencionado pela primeira vez por um padre da segunda metade do século 2 chamado Iraneus, que escreveu uma obra de cinco volumes atacando diversos grupos de hereges, pessoas que seguiam em crenças falsas. Um dos grupos que ele atacou foi o dos chamados cainitas, de uma religião gnóstica que entendia que Caim, filho de Adão e Eva, na verdade não era um dos vilões da história bíblica, mas sim um herói da fé. Ele era herói da fé porque Caim teve o bom senso de se voltar contra do Deus dos judeus que, é claro, o puniu pelo assassinato do irmão, Abel. Mas esta não foi uma ação má, foi uma boa ação porque mostrou que Caim estava, de fato, do lado do verdadeiro Deus, e não do Deus que criou este mundo e no fim convocou Israel para ser seu povo. Os cainitas se batizaram em homenagem a Caim porque viram que o Deus deste mundo não era o Deus verdadeiro, que havia um Deus acima do Deus deste mundo que deveria ser adorado e, para adorar este Deus verdadeiro, era preciso desrespeitar as leis estabelecidas pelo Deus criador. Este grupo de contrariadores, este grupo de cainitas, tinha um evangelho, de acordo com Iraneus, que era o evangelho batizado em homenagem ao maior contrariador da história da religião, especificamente o próprio homem que traiu Jesus: Judas Iscariotes. Da mesma maneira como celebravam a vida de Caim, a vida dos homens de Sodoma e Gomorra, celebravam a vida de Judas e afirmavam que Judas era aquele que guardava a verdade real, que sabia realmente quem era Jesus. Ele era o único discípulo que compreendia Jesus, e foi ele, portanto, que realizou o desejo de Jesus ao entregá-lo para seus inimigos, para que Jesus pudesse ser morto, porque foi na morte que Jesus encontrou sua salvação.

[Continua >](#)

Segmento 2

Barth Ehrman - Tradução do depoimento

Segmento 2

Os gnósticos defendiam que as pessoas deste mundo tinham sido aprisionadas aqui em matéria, que de fato dentro de algumas pessoas existe uma fagulha divina que ficou aprisionada no corpo, e esta fagulha divina precisa ser libertada. Ela é libertada por meio do aprendizado de quem ela realmente é – quem é, como chegou ali e como pode escapar. Esta verdade é dada pelo próprio Jesus em conhecimento secreto que ele transmite a seus discípulos; Este grupo gnóstico, os cainitas, acreditava que o conhecimento secreto transmitido por Jesus foi transmitido especificamente a Judas, e de Judas então para o leitor deste evangelho. Iraneus, no entanto, achava esta uma afirmação completamente absurda. Iraneus achava que essa idéia de as pessoas terem uma fagulha dentro de si era completamente errada. E Iraneus achava que o criador deste mundo era de fato o único Deus verdadeiro, de modo que este evangelho supostamente escrito por Judas ou sobre ele era de fato um evangelho herege que deveria ser proscrito e nunca lido. E então Iraneus proibiu a leitura deste livro e, com o tempo, então, o resultado foi que ele se perdeu.

[Continua >](#)

Segmento 3

Barth Ehrman - Tradução do depoimento

Segmento 3

Quando este evangelho foi descoberto, achei que só podia ser uma entre duas coisas, e sua importância dependeria de qual dessas coisas fosse. Uma coisa que o evangelho poderia ser é uma revelação gnóstica a respeito de como o mundo passou a existir e como aparecemos aqui, como ficamos presos na matéria como espíritos divinos. Se o evangelho contivesse este tipo de revelação, um evangelho gnóstico, seria muito importante para os historiadores do início do cristianismo que estudam o gnosticismo e querem conhecer as variedades de cristianismo [existentes] nos séculos 2 e 3 da era cristã. Mas eu achei que, por outro lado, podia ser um tipo diferente de evangelho. Possivelmente seria um evangelho em que Judas e Jesus interagem várias vezes e isto seria contar a história de Jesus do ponto de vista do seu traidor. Se fosse esse tipo de evangelho, seria ainda mais significativo. E não só para os estudiosos dos primórdios do cristianismo, mas para qualquer pessoa que se interesse pelo cristianismo. Porque teríamos um evangelho contando os feitos de Jesus da perspectiva de seu traidor. Se fosse esse tipo de coisa, achei que seria uma enorme descoberta, a mais importante dos últimos 60 anos. Mas, na época, eu não esperava descobrir que ele era as duas coisas. É tanto uma revelação gnóstica a respeito de como chegamos até aqui e como este mundo foi criado e também é um evangelho em que Jesus e Judas interagem. É as duas coisas ao mesmo tempo, então, é um evangelho de enorme importância.

[Continua >](#)

Segmento 4

Barth Ehrman - Tradução do depoimento

Segmento 4

Acho que a divulgação do Evangelho de Judas pode ter impacto significativo sobre a maneira como as pessoas compreendem o cristianismo e como compreendem seu mundo. E acho que isto vai ser algo positivo, não acho que exista qualquer coisa de negativo nisso. As pessoas precisam compreender que, no início, o cristianismo era notavelmente diversificado. Havia grupos distintos de pessoas que diziam coisas radicalmente diferentes e praticavam a religião de modos radicalmente diferentes nos primeiros séculos do cristianismo. Não era simplesmente um monólito em que todo mundo encontrava “a verdade”. Em realidade, havia várias versões da verdade flutuando no ar. O Evangelho de Judas nos mostra uma compreensão bem diferente da verdade, uma compreensão bem diferente da religião cristã, em relação à que se tornou dominante. A razão por que é importante compreender esta diversidade no início do cristianismo é porque ainda existe diversidade hoje. E seria um erro achar que o cristianismo é apenas uma coisa hoje se, de fato, o cristianismo é uma ampla gama de coisas. A minha visão é que, uma vez que alguém compreende a diversidade desta religião que remonta a seus primeiros séculos, esta pessoa se torna mais tolerante em relação a essa diversidade. Em vez de insistir que você tem um pedaço da verdade, faz com que você perceba que, de fato, existem muitas versões da verdade que merecem nosso respeito e admiração. Então, em vez de insistir que você está certo e todo mundo está errado, em vez disso é preciso compreender que o cristianismo é e sempre foi um movimento amplamente diverso.

[Continua >](#)

Segmento 5

Barth Ehrman - Tradução do depoimento

Segmento 5

Todos os evangelhos que temos – estejam eles no Novo Testamento ou fora do Novo Testamento – são evangelhos escritos em contextos históricos específicos, tratando de questões históricas específicas. Isto é verdade a respeito de são Mateus, de são Marcos, de são Lucas e de são João. Também é verdade em relação ao Evangelho de são Tomás, o Evangelho de são Pedro, e agora o Evangelho de Judas. A maior parte desses evangelhos não é útil para os historiadores que desejam lê-los apenas para saber o que de fato Jesus diz e faz. Na verdade, esses evangelhos podem conter informação histórica a respeito do que Jesus disse e fez, mas são mais úteis não para compreender o Jesus histórico, mas para compreender o autor que escreve o livro, dá para ver quais eram os interesses do autor. Então, isto é verdade em relação a são João, tanto como é verdade a respeito de Judas. A maneira de abordar o Evangelho de Judas, então, provavelmente não é perguntar se Judas realmente fez isso ou se Jesus de fato disse aquilo, se os discípulos fizeram ou não tal e tal afirmação. A pergunta é por que o evangelho os retrata desta maneira e que mensagem está tentando passar para o leitor. Então, a abordagem literária a essas coisas que levam a sério o contexto histórico é provavelmente a melhor abordagem para este evangelho, não para reconstruir o que aconteceu na vida de Jesus, mas compreender o que aconteceu no cristianismo nas décadas subsequentes à morte dele.

[Continua >](#)

Segmento 6

Barth Ehrman - Tradução do depoimento

Segmento 6

Então, existe a questão de por que existiam tantos evangelhos no início do cristianismo, e acho que a resposta é porque existiam muitos grupos de cristãos. O cristianismo se disseminou pelas áreas urbanas do Mediterrâneo; e a comunicação naquele tempo não era o que é hoje. A comunicação de massa não existia, a comunicação era lenta, uma comunidade se comunicava por carta com outra e isso envolvia alguma pessoa que carregava a carta fisicamente até a outra comunidade. Então, comunidades diferentes tinham pontos de vista diferentes espalhados por todo o Mediterrâneo, e todos esses grupos, é claro, queriam ter sua própria literatura sagrada porque eram comunidades sagradas devotadas ao culto de Deus. Então, queriam ter evangelhos, e epístolas, e apocalipses, e tudo o mais. Os livros eram adquiridos na medida que circulavam, com comunidades distintas venerando autores distintos e textos distintos. Então temos algumas comunidades que achavam que o Evangelho de São Pedro era o evangelho real, outras diziam que era o Evangelho de São Tomás, outras que era o Evangelho de São João, outras que diziam que era o Evangelho de Judas. Como esses grupos eram muito isolados uns dos outros e dispersos, demorou muito tempo para trazer alguma coesão aos grupos. Parece que a coesão aconteceu quando um grupo acabou se estabelecendo como dominante. Walter Bauer, quando escreveu seu livro “Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity” (ortodoxia e heresia nos primórdios do cristianismo), argumentou que este grupo que acabou se estabelecendo como dominante era o grupo que por acaso se localizava na cidade de Roma – Roma, que era a capital do império. Os cristãos romanos eram mais ricos e mais organizados do que cristãos em outras comunidades, e usaram suas capacidades de organização e sua riqueza para disseminar sua forma de cristianismo para aniquilar outras formas de cristianismo. Então, assim, o cristianismo acabou se transformando no cristianismo romano, ou como ficou conhecido mais tarde, na Igreja Católica Apostólica Romana. De modo que esta Igreja acabou por estabelecer as normas para a compreensão da religião face à diversidade inicial.

Elaine Pagels - Tradução do depoimento

Segmento 1

O mais fascinante a respeito do Evangelho de Judas é a noção de que Jesus e Judas agem em cooperação e que Judas tem destino especial, e uma estrela particular, como é colocado no texto, que ele tem um destino especial e uma compreensão espiritual que ultrapassa a dos outros discípulos. Independentemente de acreditarmos se é verdade ou não, é uma perspectiva sobre a história de Jesus de que nunca ouvimos falar. É como a perspectiva a respeito de Maria Madalena que obtivemos no Evangelho de Maria ou como a perspectiva de são Tomás que obtivemos no Evangelho de são Tomás, ou a perspectiva de são Paulo ou são Pedro que encontramos nesses outros evangelhos secretos. É que, sabe como é: sabemos muito pouco a respeito da vida e da morte de Jesus de Nazaré. Talvez tenhamos quarenta e cinco páginas de evangelhos no total no Novo Testamento, e o Evangelho de são João diz que se tudo que Jesus disse e fez fosse escrito, o mundo não comportaria todos os livros. Bom, sabemos que a vida de um homem tão notável quanto ele teria muito mais facetas que não conhecemos. Agora, pela primeira vez, na história, temos vislumbres que nos chegam de fontes de quase dois mil anos atrás que nos apresentam pontos de vista diferentes. É como se pudéssemos voltar e enxergar do ponto de vista de pessoas diferentes como aqueles dizeres e aqueles atos e o que aconteceu naquela época pareceram para as pessoas que os presenciaram. Ou que ouviram essas coisas da boca de gente que presenciou.

[Continua >](#)

Segmento 2

Elaine Pagels - Tradução do depoimento

Segmento 2

É muito difícil saber se o Evangelho de Judas contém mesmo palavras reais de Jesus e de Judas. Nesse caso, sabemos mesmo muito pouco a respeito da composição de qualquer um dos evangelhos do Novo Testamento, então é melhor nem comentar sobre os outros evangelhos. Então, não sabemos se essas foram palavras e ditos de Jesus. É possível que possam ter sido tradições secretas, ou coisas que foram transmitidas para uma pessoa e não para outra. É isso que o Evangelho de Judas afirma, mas não temos certeza. Acho que é bem improvável. Mas como saber? Quer dizer, a minha sensação é provável, é muito condicionada pelo que me é conhecido. E esta é uma tradição muito estranha e desconhecida. Então, dá para entender por que a maior parte das pessoas, eu inclusive, teria algum tipo de preconceito contra isso. Pensamos: “Bom, esta não parece ser a história certa. Nunca ouvimos falar disso”.

[Continua >](#)

Segmento 3

Elaine Pagels - Tradução do depoimento

Segmento 3

Se você olhar para o Evangelho de São Marcos no Novo Testamento, em São Marcos 4:11, diz a seus seguidores: “A vós é concedido saber o mistério do reino de Deus”. Mas para os de fora, tudo em parábolas, eles não vão compreender. E, então, quando se olha para as tradições de São Marcos, por exemplo, São Marcos sugere que Jesus ensinava algumas coisas publicamente e outra em particular, mas ele não fala muito sobre os ensinamentos privados. O Evangelho de São João no Novo Testamento apresenta ensinamentos de uma espécie de nível avançado secreto nos capítulos 13-18. O Evangelho de São Tomás sugere que ele ensina que, se você compreender Jesus como salvador do mundo, Jesus como filho de Deus, agora pode vê-lo como alguém que manifesta a luz de Deus como você também poderá manifestar. O Evangelho de São Tomás descreve Jesus como alguém criado à imagem de Deus que brilha com a luz divina, mas sugere que você também poderia brilhar com a mesma luz. Existe apenas uma sugestão da idéia em, digamos, São Mateus, em São Lucas e em São João. E, aqui, transforma-se no tema dominante.

[Continua >](#)

Segmento 4

Elaine Pagels - Tradução do depoimento

Segmento 4

O que chamamos de textos gnósticos são de fato um apanhado bem variado de fontes dos primórdios do cristianismo. Nós os chamamos assim porque os primeiros padres da igreja o chamavam de “gnósticos” e, com isso, queriam dizer que eram os textos errados, sabe. E com freqüência sugeriram que todos eles compartilham de um ponto de vista comum. Isto não é verdade. Existem mais de 55 textos e evangelhos conhecidos dos primórdios do cristianismo que ficaram de fora do Novo Testamento, e não são todos iguais, são bem diferentes entre si. Mas o que foi reunido e considerado parte do Novo Testamento é uma pequena amostra dos primeiros evangelhos cristãos e os primeiros textos cristãos do mundo antigo. Sabemos hoje que existiram dúzias de outros. Durante o final do século 2, alguns líderes da Igreja estavam preocupados que os cristãos estivessem divididos em muitos grupos, lendo diversos tipos de tradição, algumas das quais conflitantes, e queriam uma única história unânime que unisse os cristãos do mundo todo. Deste modo, Iraneus, que era bispo na França, resolveu e declarou que apenas quatro dos muitos evangelhos disponíveis seriam os verdadeiros evangelhos, os autênticos. Todos os outros, chamou de “evangelhos secretos ilegítimos”, e especificou muitos deles, inclusive o Evangelho de Judas e o Evangelho de São Tomás e o Evangelho da Verdade – todos encontrados no alto Egito no decorrer do último século – e declarou que eram todos os evangelhos errados e os certos são os quatro incluídos no Novo Testamento. Então, o que temos e o que sabemos há milhares de anos na verdade é uma amostra bem pequena e agora estamos conseguindo acesso a muitos outros pontos de vista a que simplesmente não tínhamos antes.

[Continua >](#)

Segmento 5

Elaine Pagels - Tradução do depoimento

Segmento 5

Sempre nos surpreendemos ao descobrir quantos textos existem. É interessante, sabe, achávamos que sabíamos tudo sobre judaísmo no século 1 ao ler as fontes dos rabinos. Mas os pergaminhos do mar morto foram descobertos e vimos que existiam vários tipos de grupos judaicos no século 1 sobre os quais não fazíamos idéia. Na verdade, grupos judeus que parecem muito mais afinados com as pessoas que ensinavam o que são João Batista ou Jesus de Nazaré ensinavam. Nós realmente achamos, eu acho, que são João Batista pode ser originário de uma desses outros grupos judeus apocalípticos e místicos que escreveram os pergaminhos do mar Morto, e que Jesus de Nazaré e o que ele ensinou foi influenciado por grupos assim. Então temos uma visão completamente diferente de como eram os grupos judeus no século 1 por causa dos pergaminhos do mar Morto. Sem eles, tínhamos uma imagem bem mais uniforme dos rabinos no final do século 1. Agora que temos esses outros evangelhos, nossa imagem unificada do início do movimento cristão, algumas pessoas estão incomodadas porque esta visão unificada foi estraçalhada e ficou bem mais complicada e bem mais fragmentada e interessante. Para mim, é um quebra-cabeça fascinante. Algumas pessoas acham desconcertante. Algumas pessoas acham ridículo, heresia, posterior, subversivo.

[Continua >](#)

Segmento 6

Elaine Pagels - Tradução do depoimento

Segmento 6

Quando estudiosos começaram a perceber que os evangelhos de são Mateus e de são Lucas tinham sido escritos, cada um, por um autor que tinha na frente de si uma cópia do Evangelho de são Marcos, escrito em sua língua original, que era grego, e são Mateus e são Lucas, ou os autores que chamamos de são Mateus e são Lucas – não sabemos o nome deles, mas pode ter sido este – usaram todo o Evangelho de são Marcos, palavra por palavra, e simplesmente o inseriram em cada um dos evangelhos. Então é possível conferir que o Evangelho de são Marcos está incluído no de são Lucas e quase todo incluído em são Mateus. Mas são Mateus também expandiu seu evangelho, não apenas com são Marcos, mas com outros dizeres, listas de dizeres. E são Lucas também expandiu seu evangelho com outros dizeres, histórias e anedotas e narrativas de curas etc. Então, em alguns casos, há grandes trechos em comum em são Mateus e são Lucas, não apenas em são Marcos, mas há dizeres totalmente repetidos. E entre eles temos, por exemplo, “Jesus disse: ‘Abençoados sejam os pobres, porque é deles é o Reino dos Céus’”, por exemplo. Citam as palavras idênticas em grego. Sabemos que Jesus não falava grego como primeira língua, se é que falava. Falava aramaico com seus discípulos, até onde sabemos. Então, se citarmos os dizeres de Jesus em grego, e estou citando-os em grego. E temos as mesmas versões dos mesmos dizeres, então provavelmente podemos concluir que, depois de examinar cerca de 50 dizeres, que temos uma fonte escrita em comum. Porque, se não, você não teria a mesma tradução do que eu. Então, é preciso concluir, portanto, que você usou uma fonte dos dizeres de Jesus traduzida do aramaico para o grego, e se citarmos as mesmas palavras idênticas, usamos a mesma fonte. Esta é uma hipótese, não podemos prová-la porque nunca encontramos um exemplar de “Estes são os dizeres de Jesus de Nazaré” em grego que os dois tenham usado. Mas parece uma sugestão bastante provável e razoável. E nós chamamos isto de “fonte”, e os alemães dizem “quella”, então foi chamada pelos estudiosos simplesmente de “Q.” Trata-se de uma fonte hipotética porque ainda não a encontramos. Acho que é uma convicção bem fundamentada de que existiu tal fonte escrita, apenas tendo como base probabilidades a respeito de como encontrar os mesmos dizeres citados desta maneira.

Ken Garrett

Transcrição de som e imagem

CAPÍTULO UM (01:22) - Uma outra história

Eu me chamo Ken Garrett e sou fotógrafo da revista National Geographic. Há um ano e meio, estou trabalhando em um projeto que publicamos agora como o Evangelho de Judas. Segundo a tradição, Judas era aliado dos soldados romanos e foi até o Jardim do Getsêmani, até um grupo de discípulos, e beijou Jesus para que eles soubessem quem era o homem que devia ser preso; Judas recebeu 30 moedas de prata pelo serviço, Jesus foi preso e crucificado. A história conta que Judas foi o traidor por ter entregado Jesus. No nosso manuscrito, o Evangelho de Judas, a história se inverte: fala do trato secreto que Jesus fez com Judas Iscariotes. Muito bem, para mim, o mais importante ali é a parte em que ele diz a Judas que “você vai superar todos eles”. Então Jesus diz a Judas: “Você vai ser o discípulo mais importante porque vai entregar minha carne, mas não faz mal, porque o meu espírito vai sobreviver à eternidade. Você só vai entregar a carne. Não vai entregar o espírito de Jesus. E, por isso, você vai se transformar no maior entre todos os discípulos”. É neste ponto que o Evangelho de Judas difere dos relatos do Novo Testamento.

CAPÍTULO DOIS (1:25) - Retraçando a história

O documento em si é um manuscrito em papiro do século 3 ou 4 depois de Cristo, e é um papiro marrom com letras gregas em língua cóptica com a qual a maior parte dos nossos leitores não conseguirá se identificar. Então, como é que se fotografa uma reportagem para que ela seja interessante ao leitor quando o assunto é um documento em papiro do século 3? Então, delineamos um plano que tem como base, em essência, construir o contexto deste documento. Então, ao fazer a pesquisa, encontramos locais onde atividades cristãs se davam naquele período. Existem dois anfiteatros romanos em Lyon, acima da cidade, em um lugar lindo, onde haveria... eram coliseus romanos onde os cristãos seriam perseguidos e literalmente jogados aos leões e mortos e queimados na fogueira, ali mesmo, na cidade moderna de Lyon. É um tanto assustador olhar para este lugar tão lindo que dá vista para o vale e se dar conta do que acontecia ali há uns 1.500, 1.800 anos. De lá fomos para o Egito. Descemos o rio Nilo até a área onde o manuscrito foi encontrado.

CAPÍTULO TRÊS (01:48) - Seguindo a tradição cristã

Se hoje seguirmos um mapa, quase diretamente a leste da caverna onde o manuscrito foi achado, chegamos ao mosteiro de Santo Antônio. O mosteiro foi fundado no início do século 4, entre os anos 300 e 320 por Antônio, certo. Antônio viveu logo ao norte de onde este manuscrito foi encontrado, em Beni Suef. Ele decidiu virar monge, mudou-se para o deserto do leste, morou em uma caverna na escarpa da montanha e fundou este

mosteiro. Então, se ele o viu ou não, o manuscrito circulou enquanto ele estava lá, então quisemos ir ao mosteiro e, quando chegamos lá, o padre Maximus tinha acabado de terminar escavações no piso da igreja antiga para uma reforma e encontrou câmaras incluindo uma cozinha e áreas de dormir nos primeiros níveis do mosteiro, que datam aos primeiros anos do século 4 depois de Cristo. Então, da época de Santo Antônio, da época do nosso manuscrito, tínhamos as estruturas físicas onde os teólogos cristãos, os monges eremitas viviam, exatamente na mesma época, e isso é notável. Assim como Santo Antônio está próximo da nossa reportagem, eu quis ir a Santa Catarina, no Sinai, que é a igreja cristã mais antiga em funcionamento contínuo no mundo, e foi naquela área, na base da montanha de Santa Catarina, que Moisés recebeu os Dez Mandamentos de Deus. E, dentro do mosteiro de Santa Catarina, há um arbusto que pertenceu à capela da sarça ardente. Segundo a tradição, remonta à época de Moisés, e é um arbusto que se renova continuamente, como uma framboeseira.

CAPÍTULO QUATRO (01:38) - Nos passos de Jesus

Então, de Santa Catarina, eu quis continuar a jornada até Jerusalém, porque é lá que a história se desdobra. Então, fui pesquisar a história e descobri, sabe, que Jerusalém foi saqueada pelos romanos, e eram histórias orais, e eu quis ir lá pessoalmente ver o que tinha sobrado da época de Jesus. Bom, toda sexta acontece uma procissão que passa pela via crucis na Villa Dolorosa, em Jerusalém, do lugar onde Pôncio Pilatos deu a sentença e a cruz a Jesus e disse a ele para atravessar a cidade carregando a cruz para depois ser erguido e crucificado. A procissão passa por toda a Jerusalém e termina na igreja do Santo Sepulcro que foi, segundo a tradição, construída no local da crucificação, na antiga Jerusalém. E lá fica a pedra, entre aspas, onde colocaram Jesus ao ser tirado da cruz. Bom, ainda segundo a tradição. Mas sabemos que a caminhada começa no lugar certo e provavelmente termina no lugar certo, mas todas as estruturas são da época das cruzadas. Só que hoje é possível seguir o caminho percorrido por Jesus. Então, pode começar no Jardim do Getsêmani, onde Jesus foi importunado, pode ir ao lugar onde ele recebeu a cruz, pode ir ao lugar da crucificação. Então, dá para andar em todo esse espaço hoje. Então eu quis ir lá fazer isso, e na reportagem aparece o Jardim do Getsêmani e a igreja do Santo Sepulcro. Então, este é o cenário onde Jesus e Judas viveram seu drama.

CAPÍTULO CINCO (00:33) - Um bom ponto de partida

Para mim, uma das coisas mais importantes aqui é que qualquer pessoa com curiosidade intelectual vai querer saber algo sobre isto e para mim foi totalmente fascinante estudar os primeiros 400 anos do cristianismo, porque a gente acha que “certo, Jesus foi crucificado e o cristianismo nasceu”. Não foi assim, e quanto mais se

aprende, mais interessante fica. E o evangelho de Judas é um elemento disso, e é um bom ponto de partida para quem quiser estudar por conta própria a origem do cristianismo.



1 de 6 

Despedaçado

Foto de Kenneth Garrett

Perdido durante quase 1.700 anos, o evangelho de Judas veio à luz na forma de um manuscrito em papiro que se desmanchava dentro de uma capa de couro, escavado no Médio Egito na década de 1970 e comprado em 2000 por um antiquário de Zurique. Cinco anos de restauração, transcrição e tradução revelaram a visão radicalmente diferente de Judas Iscariotes – geralmente visto como vilão – e dos ensinamentos de Cristo. Escrito por cristãos denominados gnósticos décadas depois do testemunho canônico de São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João, este evangelho afirma que Jesus pediu a Judas que o traísse: Jesus queria ser morto para que sua alma escapasse da prisão de seu corpo. Outras partes do evangelho de Judas

afirmam que o mundo não foi criado pelo verdadeiro Deus, cujas fagulhas divinas existem dentro de todos os seres humanos, mas por uma divindade menor – o Deus vingativo do Antigo Testamento. É por isso, explica o evangelho, que a criação tem falhas e o mal existe.

Câmera: Nikon D2X

Formato: Digital

Lente: 60 mm

Velocidade e abertura: 1/8 f/9

Condições do tempo: Interno

Hora do dia: Meio da manhã

Técnicas de iluminação: Refletores para luz do dia





◀ 2 de 6 ▶

Momento da verdade

Foto de Kenneth Garrett

Sacrificando um pedacinho do manuscrito à ciência, a restauradora Florence Darbre corta fora uma amostra minúscula do papiro para Tim Jull, da Universidade do Arizona, à direita, testar sua idade por meio da datação de carbono-14. Os resultados indicam que o papiro remonta ao ano 280 d.C., mais ou menos 60 anos. Teste na tinta e a análise da escrita apontam que o exemplar do evangelho data de mais ou menos o mesmo período. Especialistas estimam que a versão original do evangelho foi escrita por volta do ano 150 da era cristã.

Câmera: Nikon F6

Formato: Fujichrome Provia

Lente: 17-35mm, f/2.8 Nikkor zoom

Velocidade e abertura: 1/8 f/4

Condições do tempo: Interno

Hora do dia: Fim da tarde

Técnicas de iluminação: Iluminação de vídeo portátil





◀ 3 de 6 ▶

Um lugar único

Foto de Kenneth Garrett

Toda noite, o padre Lazarus, monge do mosteiro de Santo Antônio no deserto oriental do Egito, diz suas últimas orações do dia em uma caverna para onde, segundo a tradição, santo Antônio se retirou por volta do ano 300 d.C. para se concentrar em Deus. Com este ato, santo Antônio ajudou a dar início às práticas monásticas, que prosperou durante séculos. Monges dos primeiros mosteiros preservaram e copiaram textos cristãos, inclusive, talvez, o evangelho de Judas que foi encontrado.

Câmera: Nikon D2X

Formato: Digital

Lente: 10.5 mm, f/2.8

Velocidade e abertura: 1/3 f/5.6

Condições do tempo: Interno

Hora do dia: Anoitecer

Técnicas de iluminação: Luz de velas e cabeças de flash





◀ 4 de 6 ▶

A última ceia

Foto de Kenneth Garrett

A segunda página do Evangelho de Judas apresenta um relato muitíssimo diferente da última refeição que Jesus compartilhou com seus discípulos. "Quando ele [se aproximou de] seus discípulos, [que tinham] se reunido e [estavam] sentados e oferecendo uma prece de agradecimento pelo pão, [ele] riu", diz o manuscrito. "Os discípulos disseram a ele: 'Mestre, por que ri da [nossa] prece de agradecimento? Nós fizemos o que é certo'. Ele respondeu e disse a eles: 'Não estou rindo de vocês. [Vocês] não estão fazendo isto por vontade própria, mas porque [é por meio disto que] o seu deus [será] glorificado'." Jesus ri, dizem os estudiosos, porque os discípulos não compreendem que o Deus do Antigo Testamento, a quem dirigem suas preces, não é

o Deus verdadeiro. Neste evangelho. Apenas Judas, o discípulo que os cristãos ortodoxos desprezam, compreende a verdadeira natureza de Deus.

Câmera: Nikon D2X

Formato: Digital

Lente: 105mm

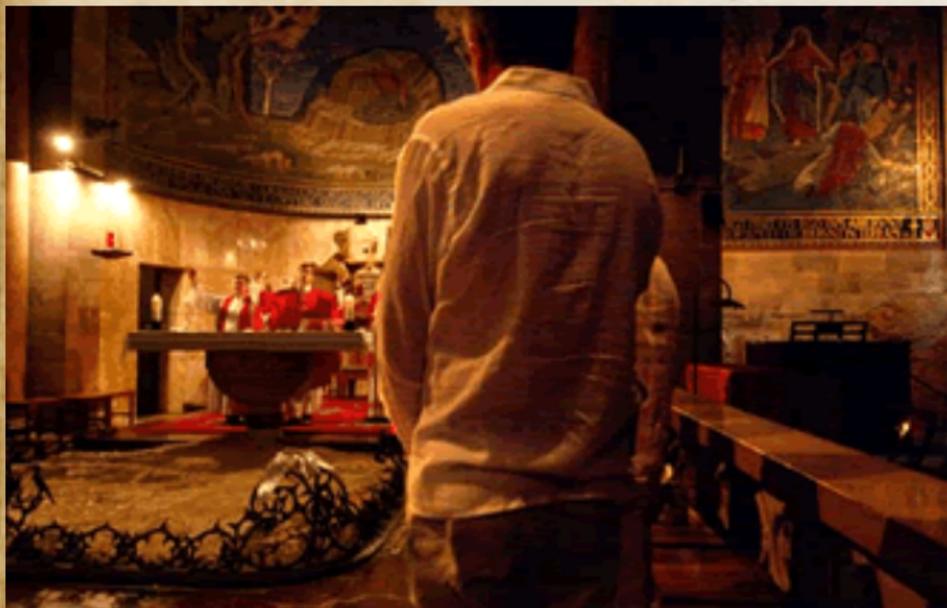
Velocidade e abertura: 1/13 f/11

Condições do tempo: Interior

Hora do dia: Manhã

Técnicas de iluminação: Refletores





◀ 5 de 6 ▶

A pedra da agonia

Foto de Kenneth Garrett

Os cristãos reverenciam a Igreja de Todas as Nações em Jerusalém, construída sobre a pedra onde, segundo a tradição, Jesus suou sangue à espera da traição de Judas no jardim do Getsêmani. Os evangelhos canônicos pregam que Jesus pediu a Deus para não ter que morrer. Em contraste, o evangelho de Judas diz que Jesus queria morrer para passar à amplitude de Deus.

Câmera: Nikon D2X

Formato: Digital

Lente: 16mm

Velocidade e abertura: 1/15 f/5.6

Condições do tempo: Interno

Hora do dia: Meio da manhã

Técnicas de iluminação: Lâmpadas de tungstênio





◀ 6 de 6

Chão sagrado

Foto de Kenneth Garrett

Fiéis russos no mosteiro de Santa Catarina, no Sinal, tocam em um pedaço da história ao tocar nos ganhos mais baixos de um arbusto a partir do qual Deus falou com Moisés pela primeira vez, de acordo com a tradição. Na luta entre as versões concorrentes do cristianismo que se deram nos primeiros séculos depois da morte de Jesus, idéias ortodoxas venceram as gnósticas. Estes fiéis são herdeiros dos cristãos que consideraram o evangelho de Judas uma heresia.

Câmera: Nikon D2X

Formato: Digital

Lente: 160mm

Velocidade e abertura: 1/80 f/4.5

Condições do tempo: Quente e ensolarado

Hora do dia: Meio-dia

Técnicas de iluminação: Luz natural





O Evangelho de Judas



VOCÊ SABIA?

Os primeiros cristãos, conhecidos como gnósticos, cujas crenças se refletem no evangelho de Judas, não eram um grupo homogêneo – estudiosos até debatem se as diversas ramificações dos gnósticos devem mesmo ser agrupadas sob um só título. A idéia gnóstica de que os indivíduos carregam dentro de si uma fagulha divina pode muito bem ter existido antes do cristianismo. Mas, depois da época de Cristo, vários gnósticos adotaram Jesus como seu salvador – como o homem que contou a verdade sobre Deus para a humanidade – e portanto passaram a se considerar cristãos. No entanto, eles enxergavam o papel e os ensinamentos dele de modo bem distinto dos cristãos ortodoxos.

Então, onde Jesus se encaixava na cosmologia gnóstica?

Muitos gnósticos acreditavam que Jesus foi enviado à Terra para falar à humanidade sobre um Deus gentil, amoroso e condescendente, muito diferente do Deus severo, vingativo e criador do Antigo Testamento. Como os gnósticos não conseguiam harmonizar os dois aspectos opostos do divino em um único Deus, acreditavam que devia existir outro deus além do criador.

Chegaram a enxergar este segundo Deus maior como a mente divina que, no início dos tempos, teve idéias que ganharam vida própria e se transformaram em entidades divinas conhecidas como Aeons. Os Aeons viviam no Pleroma, ou amplidão de Deus, que era um tipo de éter celestial ou reino de luz. Uma dessas idéias transformadas em substância era a Sabedoria, chamada "Sophia". Ela começou a pensar e a ter idéias próprias, então criou um novo ser sem consultar a mente divina, e sem sua aprovação. Este ser ficou conhecido como Yaldobaath, e foi chamada de demiurgo, ou criador.

Os gnósticos acreditavam que Yaldobaath era o responsável por criar Adão e Eva a partir do barro de dar-lhes o sopro da vida. O espírito do criador, uma aberração no mundo puro da mente divina, introduziu a maldade no mundo. Mas também carregava a essência de Sophia, e exalou um pouco dessa divindade em Adão e Eva quando os trouxe à vida. Toda a humanidade herdou esta fagulha divina.

O papel de Jesus na Terra, de acordo com os cristãos gnósticos, era explicar à humanidade sua descendência do divino. Com esta informação, e olhando para dentro de si para descobrir a fagulha divina, um gnóstico é capaz de ser reunir com o divino e viver na amplitude de Deus.

Elizabeth Snodgrass

LINKS

The Catholic Encyclopedia (A Enciclopédia Católica)

www.newadvent.org/cathen

Indexada por letras e pesquisável por palavra-chave, a Enciclopédia Católica (em inglês) é uma referência online valiosíssima para tudo relativo ao catolicismo. Faz parte de um site católico mais amplo, o New Advent (Novo Advento), que também inclui a Summa Theologica, a obra-prima teológica de São Tomás de Aquino, além de cartas, discursos e livros dos primeiros cristãos.

The Nag Hammadi Library (A Biblioteca Nag Hammadi)

www.gnosis.org/naghamm/nhl.html

Saiba mais sobre a descoberta da biblioteca Nag Hammadi, em 1945, um verdadeiro tesouro de textos do início do cristianismo (muitos deles gnósticos). É possível examinar a tradução em inglês dos textos 9de fácil acesso por meio de links em ordem alfabética) e ler mais sobre o Evangelho de São Tomás em uma seção independente.

Codex Sinaiticus

www.bl.uk/onlinegallery/themes/asian_africanman/codex.html

Por que o Codex Sinaiticus, o mais antigo exemplar do Novo Testamento que existe até hoje, é tão importante para a história do cristianismo? Conheça os detalhes no site da Biblioteca Britânica (que abriga a maior porção do Codex Sinaiticus.) Siga o link para o projeto da biblioteca de disponibilizar a íntegra do codex online.

Irenaeus Against Heresies (Irenaeus contra as heresias)

wesley.nnu.edu/biblical_studies/noncanon/fathers

[/ante-nic/irenaeus/02-ag-he.htm](http://ante-nic/irenaeus/02-ag-he.htm) O Wesley Center for Applied Theology (Centro Wesley de Teologia Aplicada) apresenta uma tradução do Livro 2 do tomo anti-herético de Irenaeus, um bispo de Lyon no século 2. O link acima leva diretamente a uma condenação vigorosa dos gnósticos, apesar da linguagem ponderada.

The Gnosis Archive (O arquivo da gnose)

www.webcom.com/gnosis Este arquivo, organizado pela Gnostic Society (sociedade Gnóstica), abriga informações relativas a tudo que é gnóstico. Encontre aqui explicações detalhadas da crença gnóstica sob o título "The Gnostic Viewpoint: Essays on Contemporary Gnosticism" (O ponto de vista gnóstico: ensaios sobre o gnosticismo contemporâneo). Há também palestras virtuais e livros.

BIBLIOGRAFIA

Cross, F. L., and E. A. Livingstone. The Oxford Dictionary of the Christian Church, 3rd ed. revised. Oxford University Press, 2005.

Ehrman, Bart D. The New Testament. Oxford University Press, 2004.

Ehrman, Bart D. Lost Christianities. Oxford University Press, 2003.

Jenkins, Philip. Hidden Gospels. Oxford University Press, 2001.

Johnson, Luke T. "The New Testament's Anti-Jewish Slander and the Conventions of Ancient Polemic." Journal of Biblical Literature, 108/3 (1989), 419-41.

Meyer, Marvin. The Gnostic Gospels of Jesus: The Definitive Collection of Mystical Gospels and Secret Books About Jesus of Nazareth. HarperCollins, 2005.

Pagels, Elaine. The Gnostic Gospels. Random House, 1979.

Pagels, Elaine. Beyond Belief. Random House, 2003.

Robinson, James M., gen. ed. The Nag Hammadi Library. Harper and Row, 1977.

BIBLIOGRAFIA NGS

Szulc, Tad. "Abraham: Journey of Faith." National Geographic (December 2001), 90-129.

Tushingham, A. Douglas. "The Men Who Hid the Dead Sea Scrolls: Ancient Manuscripts Found in Judean Caves Open a New World to Biblical Scholarship." National Geographic (December 1958), 784-80

> *Se você quiser ver a versão americana desta página, clique [aqui](#).*





Tesouro no deserto

Conservado pelo clima seco do deserto do Egito, a cópia restante do Evangelho de Judas foi descoberta em algum momento da década de 1970 ao norte da cidade de El Minya.

> Se você quiser ver a versão americana desta página, clique [aqui](#).



O Evangelho de Judas



**ANOTAÇÕES DE CAMPO DO FOTÓGRAFO
KENNETH GARRETT**

O MELHOR



Eu nunca me interessei muito por história bíblica, mas esta reportagem me deu uma oportunidade incrível de examinar as origens tumultuadas do cristianismo nos primeiros 400 anos depois da morte de Cristo. Achei fascinante o fato de as histórias sobre Jesus serem transmitidas oralmente e de ninguém ter começado escrevê-las até cerca de 30 anos depois de sua morte. Depois, os teólogos da época



demoraram séculos para destrinchar as histórias durante o processo de edição da Bíblia.

Vai ser interessante ver o tipo de debate que nossas descobertas a respeito de Judas vão suscitar, porque enxergá-lo como o discípulo em que Jesus mais confiava com certeza modifica a história. Eu sei que algumas pessoas vão rejeitar a idéia de cara, porque os primeiros estudiosos declararam o evangelho uma heresia. Mas quem tem curiosidade intelectual vai pensar: “Isto aqui é bacana demais”.

O PIOR

O trabalho nesta reportagem começou em dezembro de 2004, e todos os envolvidos tiveram que assinar um termo de sigilo para que a informação não vazasse. Além dos integrantes deste pequeno grupo, eu não pude conversar sobre o assunto com ninguém – nem com meus familiares. Eu só dizia às pessoas que estava trabalhando em uma reportagem sobre as origens do cristianismo. Para quem queria saber mais, eu tinha que me ater ao bordão: “Se eu contar, vou ter que te matar”.

O MAIS BIZARRO

Quando recebemos a primeira tradução do evangelho de Judas, ficamos arrepiados ao ler sobre a revelação que Judas teve ao entrar em uma nuvem. Dizia assim: “Quem estava no chão ouviu uma voz vinda de uma nuvem, dizendo...”. Então, quando achamos que iríamos descobrir o que a voz disse, lemos “... Lacuna”. As palavras estavam faltando devido a um fragmento desaparecido do papiro.

> Se você quiser ver a versão americana desta página, clique [aqui](#).

